

História oral na era digital: a experiência do projeto *Garimpendo memórias*

Christiane Garcia Macedo*
Isabela Lisboa Berté**
Silvana Vilodre Goellner***

Introdução

O campo das práticas corporais e esportivas tem sido objeto de estudos historiográficos desde meados da década de 1930, quando despontaram as primeiras iniciativas de formação de professores de educação física em nosso país. No entanto, foi a partir dos anos 1980 que a pesquisa histórica se consolidou nessa área, em função da adoção de aportes teórico-metodológicos até então ausentes. Escola dos Analles, micro-história, história cultural, nova história, história social, história do cotidiano, história das mulheres e história oral passaram a figurar na produção acadêmica da educação física;

* Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. Integrante do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e do Centro de Memória do Esporte (CEME). E-mail: chrismacedo@gmail.com.

** Mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Membro do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História e integrante da equipe do Centro de Memória do Esporte. E-mail: isabelaberte@hotmail.com.

*** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com pós-doutorado pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto, em Portugal. Professora na graduação e pós-graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte da UFRGS e do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História. E-mail: vilodre@gmail.com.

iniciava-se um movimento de “renovação historiográfica”¹ – em relação às etapas anteriores, nas quais a perspectiva factual e descritiva mantinha certa dominância nesse campo de conhecimento.

É nesse cenário renovador que a história oral desponta no campo específico da educação física, ainda que seja possível identificar desde a década de 1930 a presença de fontes orais em publicações que tematizam a história de modalidades e de instituições esportivas. Esses trabalhos não eram realizados por historiadores, mas por produtores de história, conforme definiu Marieta de Moraes Ferreira (2002), ou seja, por autores que produzem textos de cunho histórico sem necessariamente atentar às discussões metodológicas desse campo.

O reconhecimento das fontes orais no campo específico do esporte e da educação física ganhou maior visibilidade apenas nos anos 1990. Colaborou para essa expansão a propagação das novas tecnologias de informação e comunicação, que impactou a produção historiográfica por possibilitar o acesso a novas fontes, ferramentas de pesquisa e meios de divulgação do conhecimento produzido na academia (Lucchesi, 2013). Esse cenário promoveu profundas transformações na produção do discurso historiográfico, seja no campo da educação física e do esporte, seja fora dele. Conforme Bresciano (2010), antes da implementação dessas tecnologias, as pesquisas tinham uma estrutura relativamente homogênea.

En ellos, el texto ejercía una supremacía indiscutible, y los materiales complementarios que se incorporaban – gráficos o iconográficos – cumplían una función ilustrativa o demostrativa, siempre subordinada a la palabra escrita. Con la utilización de los recursos digitales en la producción de textos, el discurso historiográfico amplía sus posibilidades comunicativas y experimenta modificaciones en su propia naturaleza. (Bresciano, 2010, p. 27).

A propagação do conhecimento na era digital demandou a produção de diferentes mídias para fomentar a interação e comunicação entre as pessoas e o hipertexto passou a figurar como uma possibilidade de atração de um público mais amplo, na medida em que facilita o contato com fontes de acesso outrora impensável. Segundo Lucchesi (2013, p. 11), existem algumas vantagens na produção e divulgação do conhecimento historiográfico por meio do uso de

1 Sobre esse tema, sugerimos a leitura do texto *Renovação historiográfica na educação física brasileira*, de Marco Aurélio Taborda de Oliveira (2007).

artifícios da informática e da internet, fundamentalmente em questões como “capacidade (de armazenamento), acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade (ou não-linearidade)”.

Considerando que o uso das tecnologias digitais potencializa a produção e divulgação de pesquisas fundamentadas na oralidade, este texto objetiva descrever as transformações ocorridas no projeto *Garimpendo memórias* mediante a adesão ao movimento de acesso livre à informação. Pretende evidenciar o impacto que a adoção das tecnologias digitais produziu na operacionalização de um fazer teórico-metodológico fundamentado na história oral.

História oral e avanço tecnológico: a experiência do projeto *Garimpendo memórias*

O projeto *Garimpendo memórias* está vinculado ao Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Criado em 1996 com o objetivo de reconstruir, preservar e divulgar a memória da educação física, do esporte, da dança e do lazer no Brasil, o CEME desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão que envolvem desde o recolhimento, preservação e divulgação de acervos até a realização de exposições, eventos, palestras e pesquisas acadêmicas. Segundo Goellner, seus objetivos foram “formulados a partir da compreensão de que, como um lugar da memória, o CEME é um espaço de produção cultural, pois é a partir da especificidade de seu acervo² que são elaborados seus programas educativos, bem como sua política de documentação e informação” (2014, p. 79).

Em termos de pesquisa, destaca-se o projeto *Garimpendo memórias*,³ criado em 2002, cuja proposição resulta da importância atribuída à oralidade na preservação e divulgação da memória do esporte, da educação física, da dança e do lazer. Fundamentado no aporte teórico-metodológico da história

2 O acervo do CEME é composto por dez coleções temáticas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Dança; Educação Física e Esporte; Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Futebol Feminino; Movimento de Estudantes de Educação Física; Olímpica; Projetos Sociais; Recreação e Lazer; Universidade 1963. Integra a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS e o Sistema Estadual de Museus do Estado do Rio Grande do Sul. Mais informações disponíveis em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/>>.

3 Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710.

oral, o projeto se concretiza mediante a realização de entrevistas com pessoas que integraram ou presenciaram acontecimentos referentes ao campo das práticas corporais e esportivas.

Foi adotado como referência basilar o trabalho desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil (CPDOC), inclusive a compreensão da história oral proposta por essa instituição, que, conforme Alberti, consiste em

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Como consequência, o método de história oral produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (Alberti, 1989, p. 1-2).

Ao longo de quatorze anos de existência, o *Garimpendo memórias* produziu mais de 55 pesquisas, que utilizaram seus procedimentos teóricos e metodológicos como uma forma de alimentar um banco de dados que, em fevereiro de 2016, comportava 655 entrevistas.

Além das pesquisas, muitas delas feitas de forma coletiva, a equipe do CEME busca estratégias para formação de jovens pesquisadores(as) no que respeita não apenas ao compartilhamento de experiências, mas também a temas próprios do trabalho com história oral na cultura digital. Questões relacionadas às técnicas de produção de fontes, à conservação de materiais audiovisuais, à padronização de metadados (dados que descrevem o documento), à propriedade intelectual em contextos digitais e às mudanças tecnológicas no trabalho com fontes orais compõem a pauta política e pedagógica das reuniões, que têm periodicidade quinzenal.

A opção pelo trabalho com história oral reside na percepção de que essa metodologia permite

[...] ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a

respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas. (Pathai, 2010, p. 124).

Tal aceção se presentifica na especificidade do trabalho desenvolvido, porque em grande medida as práticas corporais, sobretudo as esportivas, são narradas a partir da ótica dos vencedores e da oficialidade de instituições como clubes, associações, federações esportivas, entre outras.

Mulheres atletas, membros das comunidades indígenas e negras, praticantes de manifestações populares e de equipes esportivas de periferia, professores e professoras de educação física, participantes de megaeventos esportivos que não conquistaram vitórias são exemplos dos grupos temáticos que, por meio da oralidade, visibilizam histórias a partir de suas memórias. São sujeitos que não raras vezes encontram-se nas sombras da história oficial, visto que não são reconhecidos como protagonistas de histórias de superação, vitória e sucesso. Ao optarmos por trabalhar com a memória de sujeitos, partimos do entendimento de que suas lembranças individuais e coletivas não correspondem à verdade sobre os acontecimentos passados, mas remetem aos sentidos que atribuem às suas vivências. Assumimos, portanto, que entre o vivido e o narrado há uma mediação construída, também, pela memória do sujeito – mesmo sendo guardada por um indivíduo cujas referências são as suas próprias experiências, a memória está marcada pelos grupos sociais nos quais esse indivíduo conviveu e se socializou (Goellner; Von Mühlen, 2010, p. 58).

Esses pressupostos relacionam-se também com questões afetas aos procedimentos metodológicos para a produção e divulgação das fontes orais, ou seja, não apenas a escolha de quem entrevistar (ou não), mas também o modo de conduzir a entrevista e, sobretudo, de disponibilizá-la, visto que muitas dessas memórias narram histórias ainda não conhecidas.

Para operacionalizar o projeto, recorreremos desde o início às tecnologias de informação e comunicação no processo de gravação e tratamento das entrevistas, bem como no seu armazenamento e na divulgação de seus resultados. Ou seja, nos apropriamos de fatores técnicos e metodológicos – que, segundo Bresciano (2010), estão interligados com o aprimoramento de novas tecnologias – tais como os gravadores digitais, os programas de informática para o processamento de entrevistas, os procedimentos de digitalização de registros orais e audiovisuais produzidos em formato analógico, os repositórios digitais que conservam fontes específicas, os portais temáticos destinados à divulgação de trabalhos e o uso de técnicas multimídia na exposição do conhecimento científico.

Isso implica afirmar que no *Garimpendo memórias* todo o processo de produção, edição e publicação de entrevistas acontece por meio de suportes digitais.

Considerando a especificidade do projeto e visando a padronização de seus procedimentos metodológicos, foi elaborado um documento que serve como referência para toda a equipe. Intitulado *Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*,⁴ o documento apresenta detalhes de cada etapa de realização das entrevistas, desde a elaboração do roteiro até sua inserção no Lume – Repositório Digital da UFRGS. Para tanto, está dividido em três etapas: antes, durante e após a realização da entrevista.

Primeiramente, tal escrito apresenta indicações sobre a seleção das pessoas a serem entrevistadas, o que envolve as justificativas para a realização da entrevista, seu vínculo com as pesquisas desenvolvidas e o levantamento primário de dados biográficos disponíveis em diferentes fontes de consulta, tais como livros, artefatos midiáticos, publicações acadêmicas e não acadêmicas, entre outras. A partir desses dados, elabora-se o roteiro da entrevista, que por vezes segue uma base comum relativa ao projeto de pesquisa ao qual se vincula.

A entrevista é agendada e realizada de acordo com a disponibilidade de cada participante, e seu registro é feito em gravador digital portátil. Nesta etapa utilizamos as mídias digitais para localizar pessoas, construir a rede de depoentes e, em algumas situações (raras), realizar a própria entrevista. O Skype e a chamada de vídeo do Facebook são algumas das ferramentas utilizadas, especialmente nos processos que precedem a entrevista. Uma vez realizada, seu processamento envolve todas as etapas de conversão da gravação em documento escrito, passando pela transcrição, pela conferência de fidelidade (escuta da gravação para verificar se o transcrito corresponde ao áudio), pelo copidesque (adequação ao texto escrito de forma a resguardar o conteúdo expresso) pela pesquisa (inserção de notas de rodapé, que contextualizam ou explicam palavras, expressões ou citações mencionadas na entrevista) e pela elaboração do sumário (listagem dos principais temas abordados).

Feito esse processamento, o documento é encaminhado à pessoa entrevistada para que ela faça a leitura e, se desejar, as alterações que considera

4 Criado em 2005, o documento está referenciado em publicações do próprio CEME, do CPDOC e de autores como Verena Alberti, Antônio T. Montenegro, José Carlos Meihy, Fabíola Holanda, Marieta de M. Ferreira, Janaína Amado e Carla B. Pinsky, entre outros. Sua última atualização aconteceu em 2012 em função da adesão ao movimento de acesso livre à informação científica.

relevantes. Nesta etapa acontece ainda a assinatura de uma carta de cessão que concede ao CEME os direitos sobre a entrevista e autoriza sua divulgação em suportes diversos, inclusive os digitais. Ao ser devolvido, o documento é colocado em formato Portable Document Format (PDF)⁵ pesquisável e em seguida inserido no Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SABi) e no Lume – Repositório Digital da UFRGS, mais especificamente na coleção Depoimentos da subcomunidade Centro de Memória do Esporte. A entrevista é disponibilizada na íntegra, acompanhada de uma ficha técnica que fornece dados sobre sua realização e processamento (nome completo do(a) entrevistado(a) e data de nascimento, local e data da entrevista, nome de quem fez cada etapa do processamento e informações adicionais quando necessário – como, por exemplo, se a pessoa entrevistada realizou alterações no conteúdo da entrevista).

Cabe destacar que optamos por preservar apenas o documento escrito: depois de realizado o processamento e autorizada a divulgação do conteúdo, dispensamos o áudio. Essa decisão se deu no transcorrer da realização do projeto e está fundamentada em três pontos: 1) uma postura ética, visto que a pessoa entrevistada tem a liberdade de alterar o documento e a carta que assina é sobre esse documento e não sobre o áudio; 2) a constatação de que, para pesquisas acadêmicas, o formato escrito tem sido mais utilizado; 3) a facilidade que o PDF pesquisável proporciona para o acesso rápido ao conteúdo da entrevista. Além dessas justificativas, entendemos que a divulgação das entrevistas em áudio ou vídeo pode dificultar o acesso a esses documentos em função do tamanho dos arquivos, muito mais “pesados” que os documentos escritos, o que pode ocasionar problemas relacionados ao armazenamento e à transferência de dados.

Compreendemos que essa opção, assim como qualquer outra, acarreta limites e possibilidades. Temos consciência de que a publicação da entrevista em formato escrito leva à transformação de “[...] objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretações” (Portelli, 1997, p. 26). Elementos como tom, velocidade e ritmo, próprios da fala, ficam comprometidos com a transcrição; além do mais, uma entonação diferente na fala pode trazer significados distintos ao que é dito. Ainda assim, acreditamos que esse formato atende aos nossos objetivos e confere sentido ao trabalho desenvolvido. Por essa razão, no processo de transcrição procuramos

5 Formato desenvolvido pela Adobe Systems em 1993, para que os arquivos pudessem ser exibidos independentemente do *software* que os produziu, com leitor distribuído gratuitamente.

contemplar alguns elementos presentes na oralidade, e o fazemos utilizando recursos como o uso da fonte em itálico nas palavras a que a pessoa entrevistada dá ênfase, ou ainda a indicação entre colchetes de alguns elementos gestuais, riso, choro e outras emoções, pausas e interrupções.

Uma das tarefas mais desafiadoras do projeto *Garimpendo memórias* recai no tempo que uma entrevista leva para ficar pronta e ser disponibilizada como documento textual. Estamos nos referindo à defasagem que existe entre a realização da entrevista e a sua publicação. Esse desafio é referido por Alberti (2005) em relação à experiência do CPDOC, que apresenta por volta de 36% das entrevistas de seu acervo indisponíveis à consulta, seja porque o documento não foi tratado em todas as suas etapas, seja porque a carta de cessão de direitos autorais não acompanha o material; essa constatação levou à criação de uma base de dados contendo a listagem de todas as entrevistas realizadas, além de relatórios de acompanhamento do seu processamento, possibilitando, assim, um maior controle da produção e da publicação das narrativas.

O *Garimpendo memórias* também construiu uma tabela contendo dados imprescindíveis para o acompanhamento de todas as etapas de processamento das entrevistas. São eles: nome da pessoa entrevistada, entrevistador(a); responsável pela transcrição; responsável pelo copidesque; carta de cessão; assunto; pesquisa vinculada; coleção (refere-se às dez coleções do acervo do CEME); estágio de processamento. Essa planilha foi configurada como um arquivo virtual compartilhado no Google Drive, ferramenta que permite sua edição e visualização por diferentes integrantes do projeto, facilitando o acesso a uma série de dados e, sobretudo, o acompanhamento do projeto em sua totalidade.

A adesão ao movimento de acesso livre à informação científica

No ano de 2012 o CEME aderiu ao movimento de acesso livre à informação científica por meio da criação de uma subcomunidade específica no Lume – Repositório Digital da UFRGS.⁶ Tal iniciativa figura como uma possibilidade

6 O Lume foi criado em 2007 com o objetivo de substituir e ampliar a proposta da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRGS (BDTD), que estava ativa desde 2001 (Pavão et al., 2008). Atualmente é considerado o 31º do mundo e o 2º no Brasil e na América Latina segundo avaliação do Ranking Web of Repositories.

de utilização das tecnologias digitais para fomentar as atividades desenvolvidas, disponibilizando, sem custo algum aos usuários, o acervo de publicações e produções do CEME. As entrevistas, que até então eram disponibilizadas para consulta *in loco* e no portal do Centro de Memória do Esporte, passaram a constituir uma coleção específica do repositório, denominada Depoimentos.

O movimento de acesso livre à informação científica (Open Archives Initiative) tem como marco inicial a Convenção de Santa Fé, realizada nos Estados Unidos em julho de 1999, e propõe-se a

estabelecer e disseminar [normas técnicas], mostrando-se um grande desafio para a comunidade científica, órgãos financiadores, governos entre outros atores interessados em quebrar as barreiras impostas pelas grandes editoras comerciais e construir um novo modelo de publicação científica, oferecendo disseminação mais ampla e irrestrita dos resultados de pesquisas científicas. (Moraes, 2010, p. 2).

Esse movimento decorre de iniciativas já existentes desde o início desta década, tais como a declaração do Movimento de Acesso Livre de Budapeste (2002), o manifesto da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições (2002), as declarações de Bethesda e de Berlim (2003), o manifesto brasileiro de apoio ao acesso livre à comunicação científica, a declaração de Salvador e a declaração de apoio ao acesso aberto à literatura científica – Carta de São Paulo – cujo texto proclama:

Em benefício da comunidade científica, do desenvolvimento social e do interesse público, fazemos um apelo a todas as instituições, associações profissionais, governos, bibliotecas, editores, fundações, entidades acadêmicas, cientistas, gestores educativos, pesquisadores e cidadãos para que observem esses princípios e que ajudem a ampliar o acesso à literatura acadêmica, auxiliando na eliminação das barreiras econômicas, comerciais e culturais existentes. (Declaração..., 2005, p. 5).

O movimento de acesso livre à informação científica caracteriza-se “por consentir o acesso sem barreiras, sem a exigência do uso de senhas, licenças ou mesmo o pagamento de assinaturas para fazer a consulta nos *sites* ou nos exemplares” (Crespo; Corrêa, 2006, p. 2), postulando o direito universal à informação.

Algumas universidades públicas brasileiras aderiram de imediato ao movimento, não apenas disponibilizando suas produções em formato digital (revistas e livros eletrônicos, vídeos de palestras e eventos, entre outros) como também criando ferramentas de divulgação do conhecimento científico – por exemplo, os *softwares* específicos e os repositórios digitais.

As discussões sobre o avanço tecnológico na era digital e o movimento de acesso livre à informação científica foram incorporados ao plano político da UFRGS. Segundo Pavão et al.:

A tecnologia da informação tem um papel estratégico na UFRGS, não apenas como possibilidade de expansão dos serviços bibliotecários e instrumento fundamental para o ensino presencial e a distância, mas também como fonte de indicadores gerenciais e de integração com outros repositórios de ensino e pesquisa no país. A grande quantidade de conhecimento produzido nas universidades faz com que seja necessário, além da sua difusão e uso, a sua preservação, por isso a importância de projetos como este. (Pavão et al., 2008, p. 2).

O Lume, cuja criação resulta dessa política, converteu-se em uma de suas principais ferramentas. Segundo Masson (2008), os repositórios apresentam algumas características específicas, a saber: a) são tecnologias de informação desenvolvidas para organizar, coletar, disseminar e preservar informações e conhecimentos; b) são ferramentas criadas para contribuir com o avanço de pesquisas; c) sua arquitetura tem forma de redes interoperáveis, possibilitando novas formas de avaliação das produções científicas e do desempenho dos pesquisadores, bem como a interação e democratização do acesso à informação e conhecimento, potencializando a colaboração entre pesquisadores e a sociedade em geral; d) são ferramentas flexíveis que podem ser adaptadas às constantes e rápidas mudanças da sociedade contemporânea; e) são sistemas que surgem no contexto da convergência tecnológica digital, tendo na internet o seu ponto central.

Tais características impactaram o trabalho do Centro de Memória do Esporte e, conseqüentemente, do *Garimpendo memórias* de forma a produzir novas sistemáticas e rotinas que contemplam aspectos inerentes aos repositórios digitais, visando não somente a publicação de entrevistas, mas a digitalização de documentos de suporte analógico – contribuem, assim, para a preservação e o acesso universal a esses documentos. Conforme Bresciano

(2010), acervos e repositório digitais não se limitam ao armazenamento de documentos, eles investem no desenvolvimento de mecanismos de busca pelos usuários por meio da elaboração de instrumentos de descrição detalhada, o que acaba por facilitar também a pesquisa historiográfica.

Além dessas facilidades, mudanças relacionadas à atuação de instituições de caráter museológico relativizaram, de certa forma, as noções tradicionais de objeto, originalidade e preservação. Os acervos doados ou cedidos para empréstimo pelas pessoas entrevistadas para o *Garimpendo memórias* fazem parte dessa relativização, visto que, assim como as entrevistas, itens como fotografias, vídeos, imagens dos objetos tridimensionais, certificados de participação em eventos e competições, entre outros, foram inseridos no repositório digital. Letícia Bauer, ao analisar a experiência do Museu da Pessoa, um museu virtual criado em 1991 com pressupostos de democratização e valorização de histórias de vida, afirma que “a virtualidade é intrínseca ao entendimento do acervo e suas formas de preservação” (Bauer, 2010, p. 58), pois, ao serem disponibilizados em acervos virtuais, os documentos ganham um acesso universal e uma “reprodução ilimitada” – sua preservação é garantida pelo uso de seu conteúdo.

Para potencializar as formas de preservação e de reprodução ilimitada das entrevistas e dos produtos decorrentes, as equipes do Centro de Processamento de Dados da UFRGS e do Centro de Memória do Esporte decidiram pela adoção dos repositórios DSpace,⁷ visto que permitem, segundo o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), “o gerenciamento da produção científica em qualquer tipo de material digital, dando-lhe maior visibilidade e garantindo a sua acessibilidade ao longo do tempo” (apud Goellner et al., 2012, p. 92).

Em função do grande número de entrevistas realizadas pelo *Garimpendo memórias* e da especificidade desses relatos, foi criada, dentro da Comunidade CEME no repositório institucional da UFRGS,⁸ uma coleção intitulada Depoimentos, na qual são inseridas apenas entrevistas fundamentadas no aporte teórico-metodológico da história oral. Essas entrevistas podem ser acessadas e baixadas na íntegra, e a consulta pode ser feita de modo simples ou

7 *Software* livre desenvolvido pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) e pela empresa Hewlett-Packard (HP), compatível com o Protocolo de Arquivos Abertos (OAI). Mais informações disponíveis em: <<http://www.dspace.org/introducing>>.

8 No Lume o acervo do CEME está dividido em seis coleções específicas, a saber: a) Audiovisual; b) Depoimentos; c) Documental; d) Iconográfica; e) Tridimensional; f) Periódicos. Mais informações disponíveis em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40502>>.

avançado, a partir de metadados tais como título, data, autor(a), palavras-chave, descrição, origem, coleção, dimensão. Vale registrar que, em fevereiro de 2016, o *Garimpendo memórias* somava 655 entrevistas, das quais 452 já tinham sido publicadas nos suportes digitais, 165 estavam em processamento e 38 tinham sido descartadas por apresentarem problemas como defeito no áudio, ausência de carta de cessão ou de devolução por parte da pessoa entrevistada.

O impacto das tecnologias digitais no projeto *Garimpendo memórias*

A preservação de documentos e fontes em formato digital cria novas problemáticas para a pesquisa historiográfica, em função do caráter distinto de seus suportes físicos:

Enquanto o arquivo físico, nosso velho conhecido, se designa pela presunção de perenidade que supostamente pode dar às informações sob sua custódia no decorrer de longos períodos, a internet, segundo Vitali, tem se caracterizado pelo oposto, a instantaneidade – a oferta de informações frescas em um ritmo sempre mais rápido, próximo ao tempo real da própria informação. E, inversamente ao arquivo, pouco oferece de estabilidade e permanência para informações. (Lucchesi, 2013, p. 11).

Em comparação com o documento impresso, de acesso limitado e durabilidade razoavelmente previsível, o documento digital, imaterial e flexível, propicia velocidade na transmissão da informação e, ao mesmo tempo, a possível efemeridade do conteúdo. Nesse sentido, não podemos desconsiderar que uma infinidade de *sites* desaparece por desativação ou erros na rede, o que acaba por fragilizar as fontes de consulta e, conseqüentemente, o trabalho historiográfico. Ou seja, tanto os documentos de base física como os de base digital estão sujeitos às transformações tecnológicas que tornam obsoletos, em pouco tempo, programas e formatos modernos. Alberti (2005) chama a atenção para o fato de que conteúdos registrados em materiais como fita rolo e fita cassete, suporte das primeiras entrevistas realizadas no CPDOC, tiveram que migrar para tecnologias mais recentes, pois corria-se o risco de não se localizarem mais aparelhos capazes de lê-los. Tal preocupação implica perceber que a digitalização de documentos por si só não garante sua preservação

e disponibilização. É fundamental acompanhar as inovações tecnológicas, visto que o desenvolvimento de novos suportes coloca muitas vezes em desuso aqueles que originalmente foram utilizados para produzir as entrevistas.

Enfim, se o conteúdo de um documento em papel pode perder-se em função da deterioração do suporte e ter seu acesso restrito ao local no qual o documento está armazenado, ao se converter no formato digital seu acesso pode ser ampliado, promovendo uma multiplicação infinita por meio de *downloads* e da realocação em diferentes computadores. No entanto, há que estar conectado com as rápidas mudanças tecnológicas produzidas na era digital.

No *Garimpendo memórias* questões dessa natureza estão parcialmente resolvidas em função da íntima relação que o projeto tem com o Centro de Processamento de Dados da UFRGS e com a Comissão de Automação das Bibliotecas da UFRGS, cujo trabalho, no que tange às ferramentas digitais utilizadas, é fundamental. Sua atualização, acompanhamento e avaliação são feitos cotidianamente, o que confere à equipe responsável pelo projeto a certeza da preservação das entrevistas e da sua divulgação nos suportes digitais, sem a preocupação com armazenamento e *backups*, funções institucionais assumidas por esses setores quando a universidade aderiu ao movimento de acesso livre à informação – previsto, inclusive, em seu plano político.

Para a inserção das entrevistas no repositório digital e no sistema de bibliotecas, foram criadas normas de padronização, visando maior facilidade para a consulta por parte dos usuários. Definimos como formato do documento o arquivo em PDF pesquisável, e o título de todas as entrevistas figura como “Depoimento de” seguido do nome completo da pessoa entrevistada. Foram criados metadados especificamente para facilitar as buscas e acessos, a saber: nomes de entrevistados(as) e entrevistadores(as), data, pequena biografia da pessoa entrevistada, temática da entrevista, coleção e palavras-chave. Sempre que possível, é ainda publicada na coleção iconográfica uma fotografia que registra o momento no qual a pessoa concedeu a entrevista. Caso haja doação ou empréstimo de acervo, há um registro dessa etapa e o material é digitalizado e inserido no repositório digital, identificado como originário do projeto *Garimpendo memórias*.

Não há dúvida de que as tecnologias digitais impactaram o trabalho desenvolvido pelas pessoas que participam do projeto. Além de um maior cuidado na realização de todas as etapas de processamento das entrevistas, a normalização necessária para sua inserção nos suportes digitais demandou estudos voltados para a especificidade das tecnologias de informação e

comunicação. Tal cuidado e rigor promoveram grande visibilidade do projeto. Se inicialmente a divulgação do trabalho estava restrita ao portal do Centro de Memória do Esporte e às pesquisas publicadas pelo projeto, a publicação no repositório digital da UFRGS estendeu sua presença a ferramentas outrora não utilizadas, como, por exemplo, o Google Acadêmico.⁹

Em razão das mídias digitais, as entrevistas publicadas alcançaram uma quantidade de acessos bastante satisfatória, conforme identificado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Estatísticas dos depoimentos do projeto *Garimpando memórias*

Ano	Downloads	Acessos	Entrevistas
2012	5.901	6.098	200
2013	10.801	16.906	300
2014	15.986	71.851	380
2015	23.724	78.342	450

Fonte: adaptação do Lume – Repositório Digital da UFRGS.

Esses números indicam que os novos meios tecnológicos têm proporcionado uma boa difusão dos relatos orais, nesse suporte e em outras mídias digitais. Conforme Bresciano (2010), essa difusão se deve tanto a fatores técnicos como a fatores socioculturais, dentre os quais destacam-se o desenvolvimento e o barateamento de aparelhos tecnológicos como gravadores e câmeras, assim como a popularização do acesso à internet. Em uma sociedade que preza o “show do eu” (Sibilia, 2008), proliferam as publicações centradas nos sujeitos, tais como as narrativas biográficas, as histórias de vida e as genealogias – que, por vezes, recorrem à oralidade como fonte.

Ainda que o repositório digital seja o principal meio de divulgação das entrevistas produzidas pelo *Garimpando memórias*, outras mídias digitais são utilizadas com o mesmo objetivo. Dentre elas destacam-se o portal temático do CEME,¹⁰ no qual existe um *link* denominado Entrevistas;¹¹ a página na

9 Ferramenta do Google que faz busca em textos acadêmicos como revistas científicas, bancos de teses e dissertações, anais de eventos e repositórios institucionais.

10 O portal temático pode ser acessado em: <www.ufrgs.br/ceme>.

11 As entrevistas podem ser acessadas em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>>.

internet do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO), que contém um *link* História Oral; as páginas do CEME¹² e do GRECCO¹³ no Facebook; o SABi – Catálogo *on-line* das bibliotecas da UFRGS;¹⁴ e o *Informativo Mensal* do Centro de Memória do Esporte,¹⁵ que em cada edição noticia as atividades desenvolvidas pelo *Garimpendo memórias*.

Tais iniciativas estão profundamente arraigadas nas novas tecnologias de informação e comunicação, com o objetivo de atender os princípios do movimento de acesso livre à informação científica. As pesquisas vinculadas ao *Garimpendo memórias* e seus produtos também são disponibilizadas para consulta:

[É] possível acessar as produções de sua equipe, tais como livros, artigos, teses, dissertações, monografias, multimídias, assim como as entrevistas do projeto ‘Garimpendo Memórias’ e os livros eletrônicos da coleção GRECCO, produzidos com objetivo de conferir maior visibilidade e acesso ao seu acervo, potencializando, dessa forma, sua função política e pedagógica, assim como sua responsabilidade social. (Goellner, 2014, p. 85).

Conforme Bresciano (2010), os portais temáticos e os fóruns de discussão são algumas das possibilidades que a era digital proporciona para o exercício da história oral. Esses espaços facilitam a comunicação virtual entre universidades e centros de pesquisa, por meio da divulgação de fontes de pesquisa, da publicação de seus resultados e do fomento às discussões a respeito de aspectos metodológicos próprios da história oral.

A adoção dessas tecnologias possibilitou ainda outra forma de ampliação do trabalho do *Garimpendo memórias*: publicar nos suportes digitais entrevistas realizadas por pesquisadores(as) externos ao projeto cuja metodologia atenda os critérios da história oral.¹⁶ Tal abertura resulta da percepção de que não raramente entrevistas na área das práticas corporais e esportivas

12 A página pode ser acessada em: <<https://www.facebook.com/ceme.esef?fref=ts>>.

13 A página pode ser acessada em: <<https://www.facebook.com/grecco.ufrgs/?fref=ts>>.

14 A página pode ser acessada em: <<http://sabi.ufrgs.br/F?RN=877402387>>.

15 Todas as edições do informativo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/ceme/site/midia/8_Informativo_Mensal_do_CEME>.

16 Das 655 entrevistas que integram o banco de dados do *Garimpendo memórias*, 53 foram realizadas por pesquisadores(as) externos(as) ao projeto.

realizadas para pesquisas, teses e dissertações ficam com uso restrito e apenas alguns fragmentos são publicados. Considerando a política de acesso livre à informação científica e as ferramentas digitais de que dispomos, publicamos essas entrevistas – desde que tenhamos autorização do(a) autor(a) ou do(a) entrevistado(a). Para tanto, a entrevista é inserida no formato padronizado do *Garimpendo memórias* e sua ficha técnica, além de explicitar todos os dados relativos à sua realização, menciona que o conteúdo foi cedido para publicação via recursos digitais disponibilizados pela UFRGS. Uma das vantagens que os(as) autores(as) têm ao cederem suas entrevistas reside na sua preservação, visto que o espaço no qual serão publicadas pertence a uma instituição que assume o seu repositório digital como política.

Enfim, como descrito neste texto, são numerosas as ações empreendidas pela equipe do *Garimpendo memórias* no que respeita à produção, processamento e divulgação de fontes orais. Cientes de que a oralidade é fundamental para o fazer historiográfico, encaramos a utilização das tecnologias de informação e comunicação como uma ímpar possibilidade para ampliar a dimensão e a visibilidade do projeto, fazendo com que as fontes produzidas possam ser acessadas e, a partir delas, histórias possam ser narradas e socializadas. Cumpre-se assim um fazer político e pedagógico que tem no movimento de acesso livre à informação científica não apenas uma ferramenta mas, sobretudo, um desafio. Porque reinventar-se é necessário, é um modo de existir na velocidade inerente à produção do conhecimento na era digital.

Referências

ALBERTI, Verena. *História oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

_____. *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1505.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

BAUER, Leticia. Acervos orais, acervos virtuais: museus, pessoas e histórias de vida. *História Oral*, v. 13, n. 2, p. 53-64, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=139&path%5B%5D=140>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

BRESCIANO, Juan Andrés. La historia oral en contextos digitales: transformaciones recientes de um subcampo disciplinario. *História Oral*, v. 13, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2010.

Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=137&path%5B%5D=138>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

CRESPO, Isabel M.; CORRÊA, Cynthia H. M. Acesso livre à comunicação científica: a experiência do Scielo. *Revista F@ro*, n. 6, p. 1-6, 2006.

DECLARAÇÃO de apoio ao acesso aberto à literatura científica – “Carta de São Paulo”. São Paulo, 2 dez. 2005. Disponível em: <http://www.acessoaberto.org/carta_de_sao_paulo_acesso_aberto.htm>. Acesso em: 21 fev. 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, n. 5, p. 314-322, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A importância da preservação e construção de acervos: a experiência do Centro de Memória do Esporte (ESEF-UFRGS). In: RUBIO, Katia. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos, 2014. p. 77-86.

GOELLNER, Silvana Vilodre; VON MÜHLEN, Johanna Coelho. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul. *Oralidades*, ano 4, n. 7, p. 53-66, jan./jun. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Memória e programas sociais de esporte e lazer: o acervo do programa Segundo Tempo do repositório digital do Centro de Memória do Esporte. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 38, p. 89-97, set. 2012.

LUCCHESI, Anita. Historiografia e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. *Anais...* 2013. p. 1-17. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

MASSON, Sílvia M. Os repositórios digitais no âmbito da sociedade informacional. *PRISMA.COM*, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/679>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

MELO, Victor Andrade et al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MORAES, Marcos Antonio de. Políticas de informação e o modelo Open Archives Initiative (OAI). *e-LiS*, 2010. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/16315/1/marcos_final-1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2016.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Taborda de. Renovação historiográfica na educação física brasileira. SOARES, C. L. (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 35-38.

PATHAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PAVÃO, Caterina G. et al. Repositório digital: acesso livre à informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15, 2008, São Paulo. *Anais...* 1 CD-ROM.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Resumo: Este texto tem como objetivo descrever os procedimentos adotados pelo projeto *Garimpendo memórias* (vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mediante a adesão ao movimento de livre acesso à informação científica. Com o escrito, pretende-se evidenciar o impacto que a adoção das tecnologias digitais produziu na operacionalização de um fazer teórico-metodológico fundamentado na história oral.

Palavras-chave: história oral, esporte, educação física, tecnologias digitais, repositórios de fontes digitais.

Oral history in the digital age: the experience of the *Digging for memories* project

Abstract: This paper aims at describing the procedures adopted by the *Digging for memories* project (linked to the Sports Memory Center of the School of Physical Education, Physiotherapy and Dance at the Federal University of Rio Grande do Sul) by joining the movement for free access to scientific information. With this study, we intend to highlight the impact that the adoption of digital technologies produced in the operationalization of a theoretical and methodological doing based on oral history.

Keywords: oral history, physical education, digital technologies, repositories of digital sources.

Recebido em 29/02/2016

Aprovado em 25/05/2016